

O feitiço da prata

Uma das cidades mais ricas do mundo no século 17, Potosí vive hoje o lado sombrio da exploração do metal, que coloca em risco vidas e a paisagem de Cerro Rico, na Bolívia

Texto e fotos | Felipe Abreu

A cultura espanhola e indígena misturam-se na arquitetura da cidade



Vale um Potosí. Era o que dizia Dom Quixote de La Mancha ao seu fiel escudeiro Sancho Pança, quando deparava com algo valioso nas andanças immortalizadas pelo escritor espanhol Miguel de Cervantes, em 1605. Em abril de 1545, 60 anos antes da publicação do aclamado romance, eram descobertas as veias de prata na montanha Cerro Rico, em Potosí, na Bolívia.

A lenda diz que Diego Huallpa, pastor de origem quéchua, teria se perdido com seu rebanho de lhamas e acampado na base de Cerro Rico. Para amenizar o frio andino, fez uma fogueira. A montanha era tão rica em prata que, ao acordar, percebeu que a brasa da fogueira havia fundido pequenos pedaços do metal. A história se espalhou rapidamente e atraiu a cobiça da Coroa Espanhola, que teria ordenado o início das explorações.

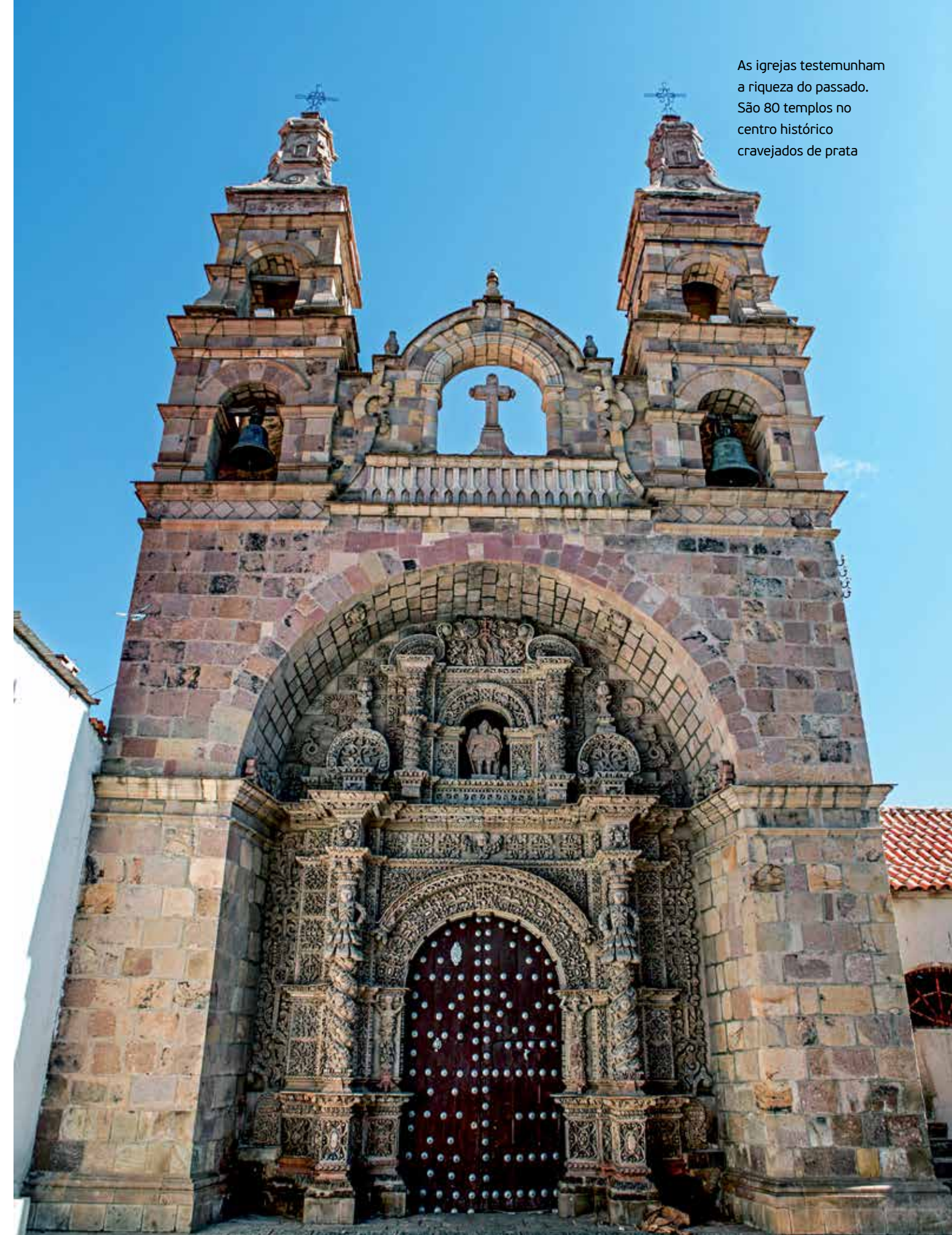
Lendas à parte, em 1611, Potosí era a maior produtora de prata do planeta e uma

das cidades mais ricas do mundo. A população, com cerca de 150 mil habitantes, era maior que a de Paris, Roma e Madri. Havia tanta prata que a Coroa Espanhola teve de criar uma casa da moeda para cunhar todo o metal. As igrejas do centro histórico também testemunharam a riqueza: no começo do século 17, já existiam 36 templos cravejados de prata; até o final da colonização, no início do século 19, chegaram a 80.

Hoje, essas construções impregnam as ruas com o ar melancólico do passado e dividem espaço com prédios coloniais que exibem partes de balcões, janelas e portas de época. A igreja de São Lourenço de Carangas, por exemplo, possui uma fachada cuja iconografia remete à mistura das culturas espanhola e indígena, no estilo barroco mestiço, muito característico do país.

No clássico *As Veias Abertas da América Latina*, o escritor uruguaio Eduardo Galeano conta que, entre 1503 e 1660, foram retirados da Bolívia e levados para a Espa-

Foram retirados da Bolívia e levados para a Espanha 16 milhões de quilos de prata



As igrejas testemunham a riqueza do passado. São 80 templos no centro histórico cravejados de prata

na cerca de 16 milhões de quilos de prata, três vezes a quantidade do metal de todo o continente europeu. Por causa disso, reza a lenda que, naquele tempo, seria possível construir uma ponte de prata ligando Potosí a Madri e outra, em sentido contrário, feita com os ossos das vidas perdidas em sua busca. Estima-se que 8 milhões de índios e escravos tenham morrido nas minas de Cerro Rico entre os séculos 16 e 19.

Por volta da metade do século 17, a atividade mineradora alcançou o ápice, mas, nos séculos seguintes, as veias de prata se esvaíram e Potosí entrou em decadência. Milhares de trabalhadores saíram da cidade e, em 1825, ano da independência do país, a população contava com apenas 8 mil pessoas. “Nas primeiras décadas do século 19, ameaçou-se um renascimento econômico na região com a valorização do estanho, mas, infelizmente, a cidade não se reergueu. Alguns geólogos acreditam,

inclusive, que a exploração intensiva do estanho só fragilizou ainda mais o Cerro Rico”, conta o historiador boliviano Gonzalo Tildo Martinez.

Dinamites de brinde

Hoje, Potosí tem aproximadamente 165 mil habitantes, e a mineração – que explora resquícios de prata, zinco e estanho – ainda é a principal atividade econômica. O turismo, por sua vez, é, atualmente, a fonte de renda secundária. Potosí possui dezenas de agências e guias independentes que oferecem passeios às minas. Antes de visitá-las, recomenda-se a compra de bananas de dinamite e detonadores para entregar aos mineradores que estejam pelo caminho. Como os turistas acabam “invadindo” o espaço deles nas minas, os regalos são uma forma de se desculpar pelo incômodo.

Logo na entrada de uma das minas ati-

Condições precárias: há uma ou duas mortes por mês e os mineiros padecem de doenças respiratórias



vas de Cerro Rico, o guia explica um ritual local. Segundo ele, quando morrem muitos trabalhadores em acidentes, os mineiros acreditam que a Pachamama (mãe terra em quéchua) está com fome. Então, de tempos em tempos, sacrificam lhamas, para que a terra possa saciar a fome e pare de levar a vida dos mineiros. Na entrada na mina é possível ver manchas pretas do sangue coagulado das lhamas sacrificadas.

Durante a visita, é comum ouvir estrondos das explosões de dinamite nas galerias. Não raro, os turistas correm para dar passagem a carrinhos carregados de rocha que descem pelos trilhos, sempre com um mineiro atrás. Depois de explodir as paredes dos túneis, a rocha bruta é carregada até o ponto mais próximo do trilho. De lá, é transportada até a saída da mina e levada às refinarias, onde a trituram em pedaços bem pequenos e adicionam uma mistura de produtos químicos, responsáveis por separar os minerais das pedras. Devido à

intensa exploração que as minas sofrem desde 1545, só existem pequenas ramificações dos grandes filetes de prata. Por isso, cada vez é preciso tirar mais pedras para conseguir uma quantidade cada vez menor de metal.

A atividade, que já foi controlada pela estatal boliviana Corporación Minera de Bolivia (Comibol), é gerida, desde meados dos anos 1990, pelas cooperativas de mineiros. Estima-se que atualmente existam 18 minas principais, cerca de 40 cooperativas e mais de 15 mil mineiros trabalhando a todo vapor em Cerro Rico.

Existem diferentes modalidades de tour pelo Cerro Rico. Caso o visitante queira sentir na pele um pouco do dia a dia dos mineiros, é possível contratar um guia independente e fazer um roteiro de três horas e meia, em que se percorrem túneis extremamente apertados e é necessário rastejar por galerias intermináveis, às vezes com o teto a dois palmos do rosto.

Só existem pequenos filetes de prata. É preciso tirar cada vez mais pedras para garantir a subsistência

A cidade da prata



Fica difícil controlar a claustrofobia. Para piorar, ao rastejar pelos túneis, quem está na frente acaba jogando poeira em quem vem atrás. E toda essa experiência acontece a mais de 4 mil metros de altitude. A sensação é terrível.

Oscar Torrez Villapuma, que começou a trabalhar aos 15 anos como mineiro e hoje, aos 40, é guia de turismo, está acostumado. Nos trechos mais difíceis, sentindo o desespero e o medo dos turistas, ele tira um punhado de folhas de coca da sua inseparável bolsa e aconselha: “Mastigue essas folhas até que se forme uma massa, bote no canto da boca e espere o suco da folha fazer efeito”. Para potencializar ainda mais os alcaloides presentes nas folhas de coca – que, além de melhorar a respiração, tiram a fome –, eles usam uma massa com sabor de banana ou batata.

Durante o trajeto passamos por duas minas: Candelária e Rosário. Impossível não pensar nos riscos que a atividade oferece aos mineiros e turistas. As minas não apresentam qualquer sistema de segurança e os estrondos são constantes. De acordo com os guias (muitos remontam a antigas gerações de mineiros), em termos de segurança de trabalho, pouca coisa mudou desde o início da exploração da prata. “Na época da Comibol, os engenheiros ainda verificavam a estrutura das minas, mas hoje somos nós mesmos que cuidamos da manutenção das galerias”, conta Gabriel Espada, que começou a trabalhar em Cerro Rico quando tinha 15 anos e hoje minera com dois primos na Candelária.

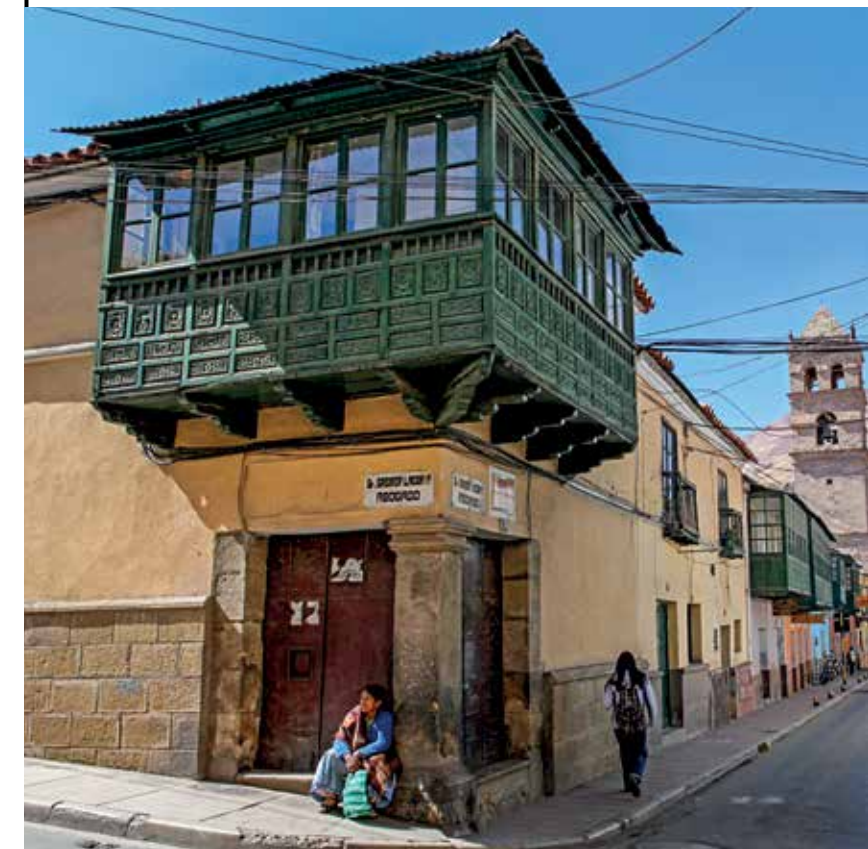
Algumas vezes, o visitante irá cruzar com estátuas de El Tío. No período colonial, os espanhóis, ao descobrirem que os índios acreditavam em vários deuses, resolveram criar uma divindade que “tomasse conta das minas” e os instigassem a trabalhar. Surgiu então El Tío, com um par de chifres, órgão sexual masculino grande (para simbolizar a fertilidade) e bochecha inchada como a dos indígenas. Hoje, mes-



mo sabendo que El Tío é uma invenção dos ex-colonizadores, os trabalhadores continuam fazendo oferendas a ele. De acordo com os mineiros, em sua maioria católicos, nas entranhas da Pachamama não existe Deus, só El Tío, e é preciso respeitá-lo e agradá-lo para que se possa trabalhar com tranquilidade e segurança.

Dos desafios que os mineiros enfrentam diariamente, El Tío é o menor. Os turnos de trabalho podem chegar a 24 horas e driblam-se a fome e o cansaço com alcaloides que escorrem das folhas de coca guardadas no canto da boca. “As condições de trabalho são extremamente precárias. Há uma morte por mês, às vezes duas. Os mineiros com menos experiência também costumam se perder nos milhares de quilômetros de túneis e acabam morrendo”, conta Ernesto Quintana, que abandonou o trabalho como mineiro, se formou em engenharia de minas e se tornou doutor em mecânica das rochas.

As “cholas”, mulheres com roupas campesinas tradicionais (página ao lado). O mercado mineiro (acima). Um balcão de madeira, característico da arquitetura colonial espanhola (abaixo).





A beleza da arte em prata cobra um preço alto ao meio ambiente e à saúde dos potosinos

Para os que sobrevivem aos anos de trabalho, o risco é a silicose, doença causada pela inalação de pó de sílica, liberado nas explosões e que contamina o ar das galerias. O pó se acumula nos pulmões, gerando inflamação, feridas e dificultando a passagem do oxigênio para o sangue. Segundo Oscar Torrez, na década de 1980 havia um ditado popular muito conhecido na Bolívia que dizia: “Case-se com um mineiro, porque ele tem muito dinheiro, morre primeiro e você ainda fica com a herança”. Hoje, enquanto a expectativa de vida no país varia entre 62 e 63 anos, em Potosí ela oscila entre 48 e 52 anos.

A herança dos metais

“As rochas retiradas das minas são processadas em pequenas refinarias localizadas em áreas centrais de Potosí. Os caminhões que fazem o transporte espalham pó de sílica pela cidade, o que prejudica a saúde da população. Além disso, as rochas

estão contaminadas com metais pesados”, denuncia Rosario Tapia, pesquisadora do Programa de Investigación Estratégica en Bolivia (PIEB), responsável por sugerir políticas públicas relativas ao desenvolvimento sustentável do país.

A água também está contaminada. Para retirar prata e estanho das rochas são utilizados metais pesados como chumbo, cádmio, zinco, antimônio e arsênico. Segundo Rosario, muitas refinarias jogam os dejetos desse processo nos rios da região. Como algumas comunidades não têm outra fonte para consumo, irrigação dos cultivos e abastecimento dos animais, acabam utilizando-a, ainda que coloquem a vida em risco dessa forma.

Os metais pesados contaminam o solo, o que afeta as colheitas. “Na beira do rio San Miguel, por exemplo, estão concentradas aproximadamente 4 milhões de toneladas de dejetos que geram águas ácidas. Elas desembocam no rio Tarapaya e,

consequentemente, no rio Pilcomayo, prejudicando a população do entorno”, conta a especialista. De Cerro Rico, as águas contaminadas chegam até a Argentina; pelo caminho, atingem 33 comunidades bolivianas. Não se faz nada a respeito para proteger a população ou reverter os danos incontáveis ao meio ambiente.

A exploração de Cerro Rico começa a alterar a sua paisagem. No período colonial, a montanha tinha 5.183 metros de altura e, em 1964, media 4.786 metros, ou seja, 397 metros a menos. Para amenizar o problema, foi criado um decreto em 2009 que proíbe a exploração entre 4.400 e 4.700 metros de altitude. Os mineiros, todavia, driblam a lei. Utilizam entradas localizadas abaixo dos 4.400 metros, mas, dentro da montanha, perfuram túneis que penetram na área proibida. Nos últimos anos, começaram a aparecer buracos no cume da montanha, maiores a cada dia.

Cerro Rico recebeu o título de Patrimô-

nio Cultural e Natural da Humanidade em 1987 por causa de sua famosa forma cônica e salões históricos. Em 2010, o comitê da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) declarou ao governo boliviano que o título estava em risco. Mesmo assim, estima-se que são retiradas cerca de 3 toneladas de pedra todos os dias de dentro da montanha, segundo dados do Programa de Investigación Estratégica en Bolivia.

Apesar de todos os impactos negativos para o meio ambiente e para a população, não existe planejamento para minimizar os danos socioambientais da atividade mineradora em Potosí e muito menos para desativar a exploração em Cerro Rico. “Nenhum governo tomou atitude nesse sentido e os mineiros também não aceitam parar de trabalhar lá, mesmo que isso lhes custe a vida”, alerta Rosario. Dessa forma, Cerro Rico ameaça ruir e levar consigo séculos de história. ●

A montanha Cerro Rico, ao fundo, contrasta com as vielas coloridas de Potosí